UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

1

INSCRIÇÕES 1-4

INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
COIMBRA 1982

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas da Península Ibérica.

Solicita-se a colaboração de todos quantos tiverem directo conhecimento de achados.

Este fascículo estabelece as normas de apresentação dos textos, embora se admita e aceite uma certa flexibilidade.

O comentário onomástico deve ser breve e pode mesmo omitir-se. Pretende-se, todavia, uma descrição correcta da peça, uma indicação das condições do achado, uma leitura e comentário paleográfico, bem como indicação do paradeiro actual.

O FICHEIRO EPIGRÁFICO publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos.

As inscrições são numeradas de forma contínua ao longo dos vários fascículos, de modo a facilitar a preparação de índices, que serão publicados no termo de cada série de dez fascículos.

FICHEIRO EPIGRÁFICO is a supplement of CONIMBRIGA whose objective is to make available previously unpublished Roman inscriptions of the Iberian Peninsula. Contributions from all finders are welcome; this issue sets the desired pattern of such contributions, allowing for a certain flexibility.

The onomastic and historic notes must, however, be very short. They can even been ommitted, in which case the note in question will consist merely of a description of the object, of the conditions of its discovery, of a reading and paleographic commentary, and reference to present location.

FICHEIRO EPIGRÁFICO will be published in 16 page issues, of varying periodicity according to frequency of received notes.

The inscriptions will be numbered, the numbering being continuous along the issues, so as to facilitate the preparation of indexes, which will be published at the end of each group of ten issues.

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

All contributions should be sent to the editors:

José d'Encarnação
Instituto de Arqueologia — R. de Sub-Ripas, P-3000 COIMBRA

Maria Manuela Alves Dias
Av. Madrid, 24, 2.º dt.º, P-1000 LISBOA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio do

CONSELHO DIRECTIVO DA FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

Suplemento de Conimbriga

ISSN 0870-2004

Editor: José d'Encarnação

Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra
Rua de Sub-Ripas, P-3000-395 Coimbra

FICHEIRO EPIGRÁFICO, Edición electrónica.

Proyecto y realización, Joaquín Gómez-Pantoja
Digitalización y traducción de PDF, Mariano Rodríguez Ceballos
Índices: Joaquín Gómez-Pantoja, José Vidal Madruga y José d'Encarnação.

Este trabajo ha sido financiado por el proyecto "VBI ERAT LVPA" (2002-0462/001-001CLT CA22) de la Comisión Europea.

Education et culture
Culture 2000

Depósito Legal Nº 191563/03

1

ARA VOTIVA DE MÉRTOLA (CONVENTUS PACENSIS)

FOTO 1

No decorrer da campanha arqueológica realizada durante as férias da Páscoa de 1980 na Alcáçova do Castelo de Mértola, um grupo de alunos da Cadeira de Epigrafia da Faculdade de Letras de Lisboa localizou na torre («kouracha»?, edificação do período muçulmano junto ao rio Guadiana) uma base com moldura, embutida na edificação, e que se suspeitava estar epigrafada.

Uma vez removida a base, de mármore cinzento claro, viu-se que se tratava de um paralelepípedo rectangular que termina inferior e superiormente por molduras. Superiormente, a base apresenta quatro orifícios que se deviam destinar à fixação de uma imagem. Curiosamente, a face epigrafada está, apesar da boa preparação dos lados maiores do paralelepípedo, colocada na face de menor superfície, ocupando-a totalmente. Tudo isto faz supor que a base deveria ser observada a partir dessa face, que suporta o texto, e que, assim, provavelmente, se deve entender como a que oferecia o melhor ângulo de observação da imagem que encimava a base.

Dimensões: 94,5 × 41 × 24.
Campo epigráfico: 34,5 × 15.

DEAE / SANCT/AE VOT/VM ANI/[5]MO LIBE/NS SOLVI/T C(*aius*) VAL(*erius*) / RVFVS / CAEPIO.

Caio Valério Rufo Cepião cumpriu de boa vontade o voto à Deusa Santa.

Altura das letras: 2,1 / 2,5.

Embora o suporte seja tecnicamente bem acabado, observa-se que a gravação das letras contrasta um pouco com esta boa

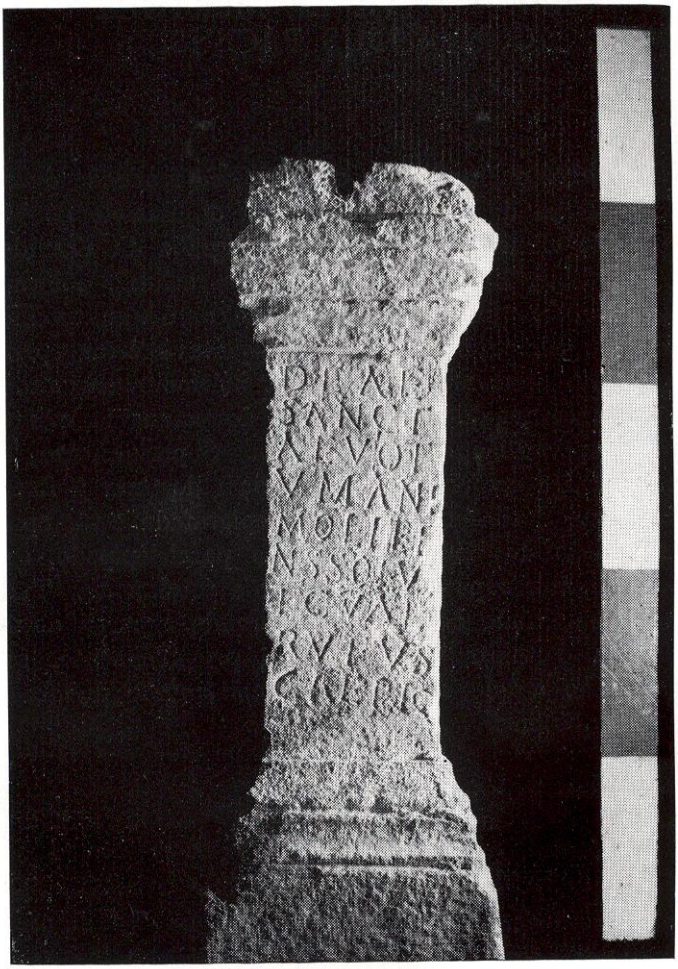

Foto 1

qualidade. De facto, o incipiente traçado das linhas, que deveriam servir de guia à escrita e que são mal perceptíveis, originou um texto irregularmente disposto no campo epigráfico.

O uso de dois cognomes, *Rufus* e *Caepio*, embora não muito vulgar, não é de todo desconhecido na epigrafia peninsular.

Aparentemente, o alfabeto usado propõe uma cronologia à roda de meados do séc. II.

J. Pulido Valente
J. C. Almeida Oliveira
M. Pereira dos Santos
(Campo Arqueológico de Mértola)

2

INSCRIÇÃO VOTIVA DE MOURISCAS (ABRANTES) (CONVENTUS SCALLABITANUS)

FOTO 2

É uma ara granítica, de grão bastante grosseiro, achada em 1960 aquando da demolição da antiga matriz de Mouriscas, no concelho de Abrantes. Encontrava-se soterrada na plataforma frontal do antigo e actual altar-mor, a pouca profundidade. Presentemente serve de pedestal a uma imagem de S. Simão, num pequeno corredor lateral do lado direito da nova igreja (1).

O monumento, de configuração pouco vulgar, apresenta três partes bem diferenciadas: um capitel simples, que se vai estreitando gradualmente em direcção do corpo, contendo a fracção maior e mais importante do texto; o fuste, separado da parte superior por uma moldura de dois toros nas quatro faces, e que foi destinado exclusivamente à fórmula final; por fim, a base, mais saliente mas muito mutilada nos ângulos inferiores, sem qualquer particularidade digna de menção. Por ter sido encostada à parede e cimentada, por um lado ao solo e pelo outro ao santo, não foi possível a sua descrição integral, nomeadamente o saber se tinha ou não fóculo, embora tudo nos leve a crer que sim.

$$\text{Dimensões: } 60 \times \left\{ \begin{array}{l} 33{,}5/31 \\ 29/29{,}5 \\ 32{,}5/34 \end{array} \right\} \times \left\{ \begin{array}{l} 28{,}5/26{,}5 \text{ (capitel)} \\ 24{,}5/25 \text{ (fuste)} \\ 26{,}5/27 \text{ (base)} \end{array} \right.$$

Campo epigráfico: — superior: $20 \times 33/31$
— inferior: 16×29

---

(1) Agradecemos ao Sr. P. João Mendes da Silva Pires, pároco da freguesia, as facilidades que nos concedeu e as informações que nos prestou; e ao Sr. Dr. José d'Encarnação pela colaboração dispensada, sem a qual este trabalho não teria sido possível.

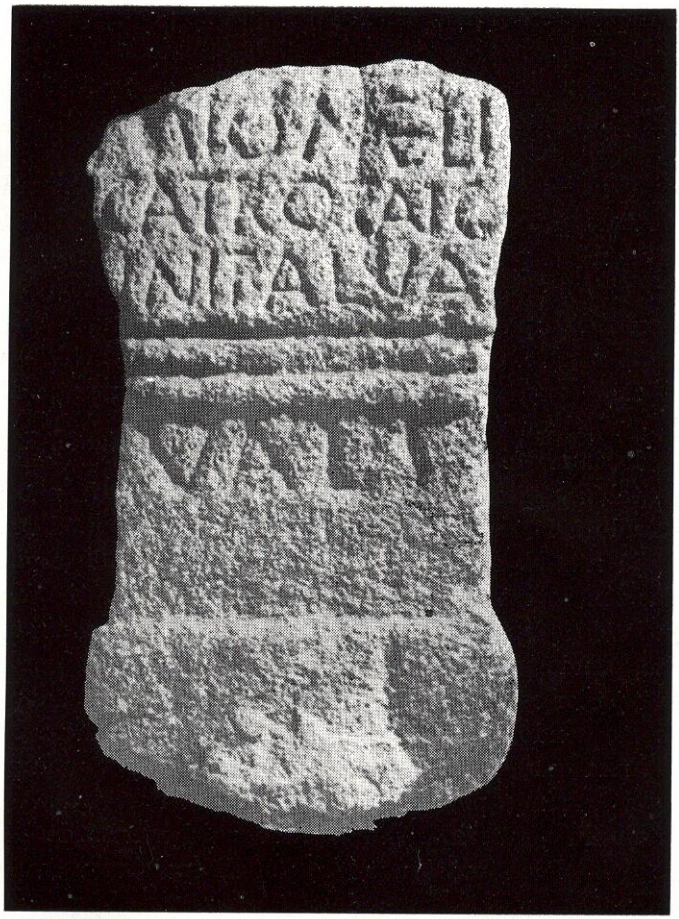

Foto 2

M(*arcus*?) IOMELI(*us*?) / CATRO TANG/INI F(*ilius*) . ALVA / V(*otum*) A(*nimo*) L(*ibens*) S(*olvit*) .

Marco (?) Iomélio (?) Catrão, filho de Tangino, cumpriu de bom grado (a sua promessa) à deusa (?) Alva.

Altura das letras: l. 1: 5/5,5 (O = 4,8); l. 2 e 3: 4/4,5; l. 4: 6. Espaços interlineares: 1: 1,5; 2 e 3: 1; 4: 1/1,5 e 0; 5: 9,5.

A moldura entre as linhas 3 e 4 tem uma largura de 6 cm, atingindo nas faces laterais os 7.

A paginação é pouco cuidada, sobretudo no capitel, notando-se no entanto a preocupação do *ordinator* em ocupar todo o espaço disponível nessa parte, distribuindo o texto de uma forma mais ou menos simétrica. Devido talvez a esse quase excessivo aproveitamento de espaço não foi feita pontuação, à excepção da l. 3, onde se vislumbra um tímido *punctus* a seguir ao F. E o mesmo motivo terá certamente levado à utilização dos nexos ME (l. 1) e AN (l. 2), bem como à abreviação do gentilício (l. 1), senão mesmo do cognome [CAT(u)RO], e até do teónimo (?) [ALVA(e)]. Porém, tal argumento para a falta de pontuação já não poderá ser aplicado à fórmula final, gravada no fuste em módulo maior, pois aí já não se colocava o problema da falta de espaço.

Mas também a leitura não está isenta de escolhos, devido à existência de várias pequenas falhas ou mossas, resultantes de desgaste, sendo as mais importantes as que se observam no ângulo superior esquerdo (l. 1). Assim, interpretámos aí a primeira letra como sendo um M, por analogia com a quarta letra da mesma linha que, embora também prejudicada por uma pequena fenda vertical, não permite, considerando a abertura das hastes e o cotejo com outras letras, alternativa diferente de M (+E). Quanto à 2.ª letra, entre um L e um I, optámos pela segunda, também pelo contraste com os demais LL, não atribuindo portanto significado especial àquele pequeno sulco que parece colar-se-lhe à direita e em baixo.

Em virtude das dificuldades já apontadas, principalmente a falta de pontuação na 1.ª linha, e ainda pelo inusitado da maior parte dos nomes surgidos, também a interpretação apresentada segue sob reservas. Efectivamente, se nos decidimos pela supra-

dita interpretação, foi apenas porque essa nos pareceu a hipótese mais plausível adentro dos diversos quadros possíveis:

— MIOMELI(*us*) CATRO (antropónimos) ... ALVA (teónimo)
— M . IOMELI(*us*) CATRO (antropónimos) ... ALVA (teónimo)
— MIO MELICATRO (antropónimos) ... ALVA (teónimo)
— MIOMELI(*o*) (teónimo) ... ALVA (fórmula final repetida, deficientemente embora).

A forma ALVA, bem nítida, se bem que grafada em nominativo (podendo mesmo assim tratar-se de um dativo de A longo), surge-nos, pois, como o hierónimo mais provável (2).

Dos antropónimos apenas TANGINUS é largamente conhecido. IOMELIUS (?) e CATRO aparecem pela primeira vez, embora este último se possa de algum modo relacionar com CATURO (3).

Seja ou não esta a interpretação mais correcta — e aqui residirá, em nosso entender, o interesse maior desta epígrafe — estamos, sem dúvida, em presença de uma nova divindade, por certo que indígena. Além disso, convém notar que se trata da primeira e única ara votiva até agora assinalada no concelho de Abrantes.

Pela paleografia, nomeadamente pelo formato dos OO e do G (haste breve e vertical), julgamos poder situá-la ainda no séc. I d.C. (4).

J. CANDEIAS SILVA

---

(2) Será muito cedo para conjecturas, mas o que é certo é que, do outro lado do Tejo, a pouco mais de 5 kms em linha recta, fica a antiquíssima povoação de Alvega, geralmente identificada com a *Aritium Vetus* dos romanos.

(3) Sobre *Caturo*, cf. «Conímbriga», 18 (1979), p. 142, nota 1.

(4) A fotografia é de Cristóvão S. Gomes — Arquivo da ADEPRA (Associação para a Defesa e Estudo do Património da Região de Abrantes).

3

ESTELA DE TURGALIUM (TRUJILLO)

FOTO 3

La estela ha sido hallada en el año 1980, al realizarse obras de restauración en el lugar denominado Las Viñas, en la zona alta del casco urbano de Trujillo. Se conserva en el interior de la vivienda del recinto donde fue encontrada.

Se trata de la parte superior de una estela en granito, con forma rectangular. En la parte superior se aprecia la representación de un creciente lunar, que recuerda en la técnica de grabado al hallado también en Trujillo, dedicado a *M. Valerio Crescen(ti)*, que se conserva en la Casa de Pizarro de la misma localidad (1).

Dimensiones: 61 × 37 × 20.

CAESILIA / T(*iti*) . F(*ilia*) . ANV.LA / AN(*norum*) [?] . L . V (*quinquaginta quinque*) .

Las interpretaciones de la lectura de las líneas 2 y 3 pueden ser objeto de otras variantes, debido a las interpunciones que presentan, si tienen algún sentido y fueron realizadas por el mismo lapicida que hizo el epígrafe. Cabe la posibilidad de una composición más compleja con una lectura en la segunda línea como *T(iti) f(ilia) an(norum) V La...*

La forma *Caesilia*, que se evidencia frente a una posible lectura *Caecilia*, muy representada en Trujillo y su zona de influencia, se encuentra también en la epigrafía de la zona. En

(1) J. RAMON Y FERNANDEZ OXEA, *De epigrafía cacereña*, BRAH, CXXXVI (1955), p. 267; R. HURTADO DE SAN ANTONIO, *Corpus provincial de inscripciones latinas*, Cáceres, 1977, n.º 576.

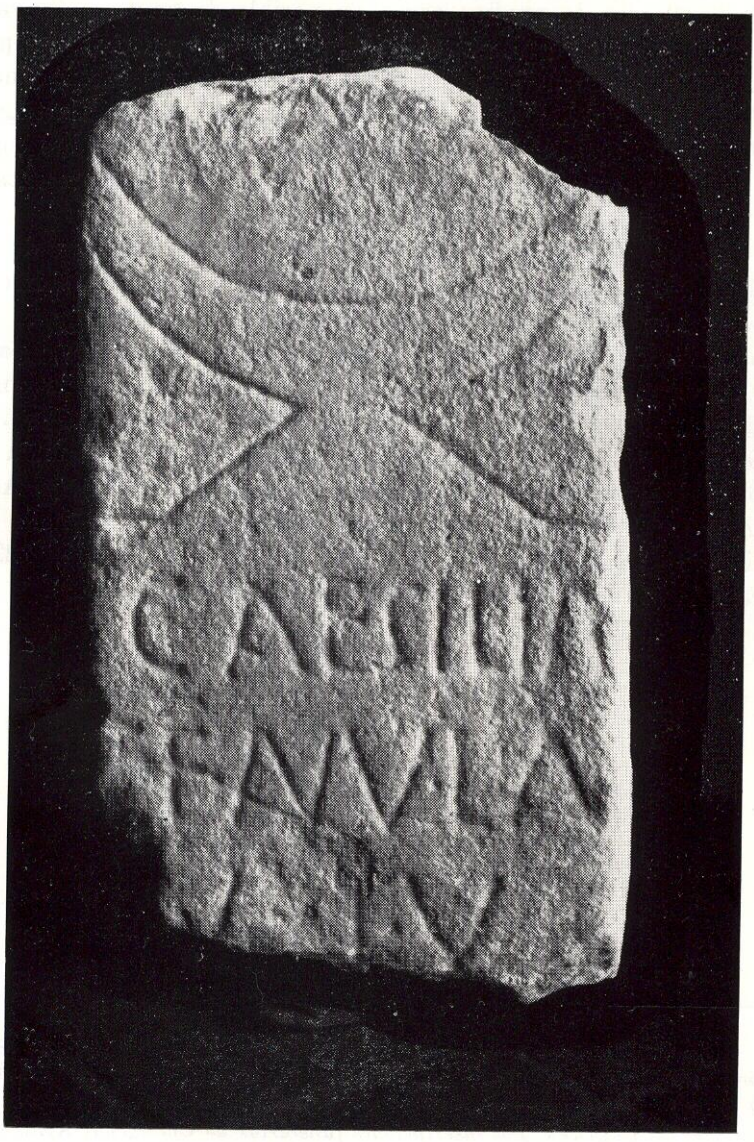

Foto 3

el término de Herguijuela existe una dedicante con idéntico nombre a la estela que estudiamos (2), además *Caesilia* aparece también en un epitáfio doble de Cartagena estudiado por A. Beltrán (3), que lo explica como un posible diminutivo derivado de gentilicio con respecto a *Caesius,-a* que se encuentra representado en el mismo Trujillo (*CIL*, II, 627) y sus proximidades (*CIL*, II, 659, Escurial), así como en el mismo Cartagena (*CIL*, II, 5935). Por su parte C. Callejo explica el nombre como un vulgarismo gráfico por *Caecilia*, debido a que se representaba la forma en que el nombre era pronunciado (4).

Anula, posible diminutivo de *Anna*, parece se trata de un vulgarismo por *Annula* o *Anulla*. El nombre se repite en el mismo área donde se ha hallado la estela en la forma *Iulia Anula* em Robledillo de Trujillo (5) y *Norbana Anulla* en Ruanes (6), aparte de la ya citada de Herguijuela. En la Península encontramos representaciones en Segovia (*CIL*, II, 2729), Peñaflor (*AEArq.* 33 (1960), p. 192), Osuna («Habis», 7, (1976), p. 371), Miranda do Douro (*ILER*, n.º 2302), Mérida (*CMBadajoz*, 224) y Adra (*CIL*, II, 2001); por otra parte, *Anulinus*, *-a*, se halla en Trigueros (Huelva) (*CIL*, II, 951), Córdoba (*CIL*, II, 2221), Granada (*CIL*, II, 2073 = 5506) y León (*CIL*, II, 2663).

J. M. Iglésias Gil

---

(2) C. Callejo Serrano, *Nuevo repertorio epigráfico de la provincia de Cáceres*, AEArq., 43, n.º 121-122 (1970), p. 141, estela 7; R. Hurtado de San Antonio, *opus cit.*, n.º 757.

(3) A. Beltran, *Las inscripciones funerarias de Cartagena*, AEArq., 81 (1950), p. 405.

(4) C. Callejo Serrano, art. cit., p. 142.

(5) J. Ramon y Fernandez Oxea, art. cit., p. 266.

(6) Idem, *De epigrafia cacereña*, BRAH, CXXVIII (1951), p. 179.

4

ESTELA DE LA GRANJUELA (PEÑARROYA — PUEBLONUEVO)

FOTO 4

La estela fue hallada en el cortijo denominado El Donadío Viejo, propriedad de don José Quintana, perteneciente al municipio de La Granjuela y al partido judicial de Peñarroya — Pueblonuevo. Se conserva en el acesso ao domicilio particular de don Victoriano Vera Castillejo, situado en la calle Reina Victoria, 7, de Peñarroya, Pueblonuevo.

La lápida presenta una tosca estereometría rectangular, con una tendencia semicircular en su cabecera.

Medidas: 127×36×22.

COILIA . Q(*uinti*) . F(*ilia*) / VET(*u*)LA . PIA / HIC . SITA / / EST . AN(*n*)O(*rum*) / XXII (*duo et viginti*) (*crux*) .

Altura de las letras: 5/5,5.

La cruz que aparece al final como último signo paleográfico puede explicarse por un interés del lapicida en subsanar un error eliminando un año de la cifra deseada por meio de la inclusión de una línea horizontal o para evitar la inclusión de nuevos signos que transformaran la cifra aumentándola.

El epígrafe presenta el nombre del difunto a base del *nomen*, la filiación y el *cognomen*. El *nomen Coilia* aparece atestiguado en la forma masculina en la Bética, en un texto de una *tessera* de plomo que se halla repetido en Lucena e Hispalis (*CIL*, II, 6243/2 y 4963/8). Se trata de una variante por *Coelia* cuyo

Foto 4

radical debe de relacionarse con el celta [1] y que tiene una amplia difusión por la Península [2].

El *cognomen Vet(u)la* se encuentra representado en la Península en Mancha Real (*CIL*, II, 3351) y Alcalá de Guadaira (*CIL*, II, 3350*), en su forma masculina. La variante *Vitula* presenta un radio de difusión que rebasa la Bética [3].

J. M. Iglésias Gil

---

(1) M. L. Albertos Firmat, *La onomástica personal primitiva de Hispania Tarraconense y Betica*, Salamanca, 1966, p. 91.

(2) Idem, *ibidem*, p. 91; M. Palomar Lapesa, *Onomástica Lusitana*, Salamanca, 1957, p. 66.

(3) J. M. Iglésias Gil, *Epigrafía cántabra*, Santander, 1976, p. 208-209.